



rodrigocampos\_\_\_



2/10

NA MEMÓRIA VIDA OUTRA  
TEXTO DE APRESENTAÇÃO  
DE SAMBAS DO ABSURDO VOLUME 2 (YBMUSIC, 2022)  
POR ROMULO FRÓES

Todos os outros são como um rio,  
uma corrente, uma água que flui de  
um lugar para outro, formam  
redemoinhos e ondas. No entanto,  
cada uma dessas formas é fugaz,  
desaparece, e o rio se esquece delas  
Correntes\_ Olga Tokarczuk



Curtido por **m26dejulho** e outras **229** pessoas

**rodrigocampos\_\_\_** Texto belíssimo que Romulo Fróes escreveu sobre nosso Sambas do Absurdo Volume 2: dia 08.07 nas plataformas.

Ps: animação da [@maritavares\\_\\_\\_](#) com as fotos da [@loumartins](#).



rodrigocampos\_\_\_\_\_



3/10

Foi da leitura de O mito de Sísifo, célebre ensaio escrito e publicado por Albert Camus em 1942, que partiu o impulso de Rodrigo Campos para compor as canções que mais tarde seriam reunidas sob a alcunha de Sambas do Absurdo. Rodrigo parecia partilhar com o escritor e filósofo franco-argelino, o que o crítico Manuel da Costa Pinto classificou como "ideias sobre a gratuidade de nossa existência e o confronto entre a opacidade das coisas e nosso apetite de clareza". Cinco anos após o lançamento do primeiro disco, Sambas do Absurdo (2017), o que mais faltou para ser discutido, quais novas reflexões poderiam estar presentes em um novo repertório que justificassem o lançamento de um novo álbum? Ouvindo Sambas do Absurdo Volume 2 (2022) que, como anunciado em seu título, sucede a estreia do projeto formado por Gui Amabis, Juçara Marçal e Rodrigo Campos, penso em um aprofundamento de um outro sintoma também apontado por Manuel em seu prefácio escrito para o livro de Camus: "o divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário".



rodrigocampos\_\_\_\_\_



4/10

O Brasil pós golpe parlamentar de 2016, pós pandemia do coronavírus ainda em curso, desgovernado desde 2018 por um presidente civil-militar que menospreza a democracia, definitivamente não é o mesmo país daquele quando Rodrigo compôs seus primeiros sambas sobre o absurdo. O absurdo em 2022 ganhou novos contornos, uma nova dimensão menos onírica, mais terrena, real. Esta dimensão do real, está refletida neste novo disco, que mais uma vez encontra no Samba seu refúgio e fortaleza. Ainda que sua construção sonora não facilite este entendimento, se cantarmos a capella suas melodias, todas compostas por Rodrigo, dificilmente não a identificaremos como sendo sambas. Mas diferentemente do disco de estreia, em que Rodrigo parecia se valer do gênero e de sua cosmogonia para conferir lastro às melodias que flutuavam por sobre uma atmosfera delirante, em Sambas do Absurdo Volume 2, este procedimento não parece ser mais necessário, já que seu repertório se distancia do universo fantástico do primeiro disco, ficando mais próximo da vida mesmas.



rodrigocampos\_\_\_\_\_



5/10

Os personagens, tão caros à poética de Rodrigo, por exemplo, que no primeiro disco transitavam ocultos, como que anestesiados, por cenários apenas imaginados, "no sal da vida, na música, no éden, na purpurina", neste Volume 2, voltam a habitar a cidade e suas paisagens reconhecíveis: a rua principal do Cambuci, a estação Tatuapé, o Jaçanã, a Sé. Voltam também a receberem nomes: Carlão, Diana, aumentando ainda mais a imensa galeria de tipos criados por Rodrigo em sua discografia. Também o acesso aos sentimentos e sensações descritas nas canções deste disco, parece mais disponível. O que antes soava como elucubração: "diz, o olhar é carabina, a lua uma lanterna, parece uma piscina, no meio das suas pernas" \_ Absurdo 8 (Rodrigo Campos / Nuno Ramos), agora se apresenta como revelação: "tens uns olhinhos de pavor, olhos grandes de quem vê, a paisagem quando chora" \_ Olhos Grandes (Rodrigo Campos).



rodrigocampos\_\_\_\_\_



6/10

No texto que escrevi sobre o primeiro disco, eu sugeri que apesar do trânsito na atuação de cada um deles, poderíamos dividir de modo esquemático suas principais atribuições no projeto, deste modo: o compositor Rodrigo Campos, o produtor Gui Amabis e a intérprete Juçara Marçal. Em *Sambas do Absurdo Volume 2*, além deste trânsito entre as atribuições ter se intensificado ainda mais, tem-se também a presença de mais um instrumentista convidado, Regis Damasceno, responsável pelos baixos e violões de aço no disco. Porém, sem conferirmos a ficha técnica, não será tão óbvio reconhecermos o papel de cada um. Se o surdo que ouvimos é executado ao vivo ou é a manipulação do som de um timpano processado; se determinada frase de guitarra foi criada por Rodrigo ou pertence a algum sample de alguma antiga gravação utilizada por Amabis na construção do arranjo. É possível notar nesse disco, muito mais que o anterior, um som de banda, que se sobressai à participação individual de cada integrante.



rodrigocampos\_



7/10

Este som mais reconhecível, talvez responda a uma maior nitidez de seu repertório. Esta mesma nitidez retornou ao canto de Juçara. Se no disco anterior, diante de uma vocação mais "abstrata" de suas letras, sua voz pouco se alterava, soando mais distante, como se viesse de um lugar fora da canção - Juçara às vezes parecia mais narrar do que cantar, o que se mostrou uma escolha muito feliz e acertada para aquelas canções sem um assunto muito definido - agora, sua interpretação volta a responder à especificidade de cada canção, trazendo à tona toda a versatilidade e potência de seu canto.

Sambas do Absurdo, em sua busca por iluminar a opacidade da vida, parecia carregar um tom meio ensimesmado, mais voltado para dentro. Sambas do Absurdo Volume 2, ao contrário, me parece um disco pra fora, querendo e precisando, escancarar suas janelas.



rodrigocampos\_\_\_\_\_



8/10

Depois de tanto tempo confinados em casa por da pandemia, era tempo de retornar às ruas, enxergar com olhos grandes o absurdo para o qual todos fomos enredados. Sair às ruas é também um reencontro consigo mesmo, na busca de recuperar a voz perdida, a voz que diz "o amor é bom, é mais" \_ Na Memória Vida Outra (Rodrigo Campos). Mas se na memória a vida é outra e a dor, como define Rodrigo em Olhos Grandes, "é só um Deus que morre a cada manhã", retomá-la agora pode ser também contabilizar as perdas deste reencontro e nomear a fúnebre contagem progressiva e anônima dos telejornais diários: "Carlão morreu, faz quatro meses, Carlão morreu, quanto tempo não via Carlão, não sabia se estava bem, se era feliz ou não, nem soube que ele morreu" \_ Carlão (Rodrigo Campos). O Samba, de novo ele, vem ao nosso socorro, só ele pode realizar "quantos somos, quantos tombos é" e nos lembrar que sambar "é forma de lembrar, sustos, mistérios, que a gente guarda, guardará" \_ Sé (Rodrigo Campos / Nuno Ramos).



rodrigocampos\_\_\_\_\_



O tempo, que parecia não existir no trabalho de estreia, tampouco se faz claro neste disco. Ele existe agora, mas desobedece a uma lógica cartesiana. Pode se referir a memória ou o quanto dela ainda lhe sobrar: "quanto do velho ainda vai ficar"; pode ser o desejo em saber o que virá: "diz que amanhã não tem amor, mas depois também não tem"; pode ser seu porto seguro: "leve na memória o som do riso da menina". Mas acima de tudo, é um tempo ansioso, um tempo pandêmico, desorientado entre a morosidade claustrofóbica e uma brevidade trágica: "um minuto até você chorar, um minuto pra morrer, um minuto até você passar" \_ Um minuto (Rodrigo Campos). Nesta mesma canção, Um minuto, Rodrigo ainda escreve que "dói no coração fugaz" porque o "tempo não me importa mais". Talvez seja mesmo impossível escrever para este tempo bipolar, ao mesmo tempo distendido e abreviado. Talvez seja hora de compor outro samba sobre o infinito. Hora também, de mais uma vez, como nos aconselhou Camus, imaginarmos Sísifo feliz com seu perpétuo e mineral destino. E firmar o pé, que agora é ladeira e é preciso encontrar outro lugar para a nossa pedra, "outra casa pra hastear bandeira" \_ Ladeira (Rodrigo Campos / Romulo Fróes).



rodrigocampos\_\_\_\_\_



10/10

Estamos em guerra, sanitária, territorial, psicológica, econômica, política, religiosa, estamos em guerra, ponto. Por que então fazer um disco? Porque estamos em guerra! Um novo disco é também a invenção de um novo mundo; seja para sublimá-lo, como acontecia no primeiro Sambas do Absurdo; seja para confrontá-lo, como parece ser o desejo deste Sambas do Absurdo Volume 2. No fluxo de nossa existência, muitas ondas e redemoinhos ainda se formarão. Discos, como estes dois volumes de Sambas do Absurdo, são como rios onde jogamos nossas pedras. Em seu leito contínuo, deságuam nossas memórias, apagam-se nossos vestígios e se renova a corrente da vida.